

JORNAL DO MINHO

PROPRIETARIO—JOÃO ANTONIO DA SILVA PEREIRA

PUBLICA-SE ÀS TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS.

1.º ANNO, 1875	Anuncios e comunicados		TERÇA FEIRA 7 DE SETEMBRO	Assignatura paga adiantada		NUMERO 71
	Por linha	20 réis		Para Braga, por trimestre	600 réis	
	Repetições	10 "		Para as provincias,	725 "	
	Folha avulso.	30 "		Escritorio da redacção, campo de Sant'Anna n.º 66 onde se recebem os annuncios e correspondencias.		

BRAGA 6 DE SETEMBRO.

A *Regeneração* depois de andar e desandar, depois de dar por paus e por pedras, vem-se chegando á verdade, e vae confessando aos poucos a figura triste que desempenhou diante de todos nós.

Grande parte da canalha e dos garotos que votaram no sr. conde de Bertandos, vão apparecendo agora nas columnas da folha da policia d'outro feitio e com outro nome.

É serodio o arrependimento, mas em fim, sempre é arrependimento. É a calumnia perdoada por metade.

Ainda temos esperança de ler a verdade inteira nas columnas do jornal da auctoridade. Ainda nos hão-de dizer de que lado estavam os independentes, e de qual os medrosos. Ha-de ser mais tarde: de pois de tempo, tempo vem.

Mas isso de garotos e canalha deve ficar onde estava. Quem escreveu aquellas palavras com relação aos eleitores d'esta cidade sentiu-se por força um momento depois, corrido de vergonha. Somos justos.

O modo, porém, porque a *Regeneração* se vae desdizendo, como era d'esperar de tão excellentes e experimentadas pessoas, é digno de especialissima menção.

Está-nos a parecer que metteram armas perigosas, em mãos de rapazes; a não ser que muito de proposito quizessem ferir pelas costas um dos seus mais cordeaes amigos, um dos mais dedicados, inergicos e valentes companheiros na passada lucta eleitoral, o sr. Passos—deputado por Villa Verde.

Não investiguemos mysterios da familia regeneradora, nem mettamos mão profana no sanctuario das grandes intimidades politicas.

Narremos.

A *Regeneração*, nos seus desabafos, e nos seus desvarios, por perder monumentalmente a eleição que todos nós lhe vimos perder, attribue parte do triumpho do sr. conde de Bertandos, a ter sido alcunhado de pouco catholico o candidato governamental.

A este respeito, afina pelas dôres que curte, e diz cousas graves em estylo grave. É natural, e é bonito.

Querendo provar com um exemplo notavel, a sua asserção—diz que já houve n'esta cidade uma occasião em que sendo governador civil o sr. visconde de S. Januario, e candidato do governo por este circulo o illustre filho d'esta terra o sr. dr. Rodrigues de Carvalho, este cavalleiro fôra derrotado nas urnas, porque caíra ferido pela traiçoeira e desleal arma de que se serviu n'esse tempo a opposição, apresentando esse filho de Braga, e como ligado a inimigos figadaes da Igreja, a monstros em materia de religião.

E querem os leitores saber quem era o chefe da opposição d'esse tempo, quem

é que vendia excommunhões a dez réis, quem perturbava a consciencia do povo, e esgremia dia e noite empregando essa arma infame, traçoeira, e desleal contra o distincto snr. Rodrigues de Carvalho? Era o com anheiro derrotado da *Regeneração*, o mieiro na desdita eleitoral, o sur. Alves Passos, emfim!

Ora, não parece que a folha da policia quer entrar de ponta com quem tanto ajudou de todos os modos, nos herculeos e infructiferos trabalhos da passada campanha?

Pelo menos parece-o.

Vá-se a *Regeneração* chegando á verdade, ainda que tenha de saltar por cima dos seus intimos, expondo-os a serem admirados em letra redonda.

Se quizer dizer que nos servimos da arma de que usou o seu amigo, digno. Não lhe pedimos provas, porque bem sabemos que as não tem. Perdoamos-lhe com uma condição: é ir-nos revellando as manhas da gente com quem vive, porque, emfim, nem todos sabem tudo.

Mas o que realmente sentiremos, é se a *Regeneração* cair n'esta por breca, porque então estamos no risco de vêmos emendada a carreira, e tirada a penna da mão a quem ía dizendo, sem se sentir, coisas muito aproveitaveis, e muito divertidas.

A nossa vida constitucional affrouxa porque o corpo social padece, e padece porque temos o infortunio de ser dirigidos por um governo que descara pertinazmente os seus deveres.

Ahi permanece, ahi está ainda em pé uma das grandes iniquidades, um dos maiores abusos, uma das maiores injustiças das muitas que o actual governo tem praticado—a conservação das reservas!

Não era ainda bastante para opprimir as nossas indutrias, fabrís e agricolas, essa constante e assustadora emigração que lhes difficulta a existencia, que lhes impede o progredimento porque os priva d'um capital importantissimo, das forças vivas do trabalho, que é e ha-de ser sempre a principal fonte de riqueza publica; não bastava essa calamidade, que não se procura evitar, aggravada já pela apertada rede d'impostos que o povo mal pôde satisfazer, e descobriu o snr. Fontes na sua alta e guerreira cogitação o modo de tornar mais penosa a vida do campo e das indutrias, chamando ao serviço as praças da reserva, sem um unico motivo plausivel sem nenhuma razão d'estado conhecida que justifique, ou desculpe esta grave injustiça, esta nova e pesada contribuição imposta ao paiz, que paga a avultada despeza que um tal erro fez accrescer, ao passo que está privado das forças productivas d'esses braços arrebatados á lavoura e ás artes.

Nenhuma necessidade instante reclamáva esta medida, nenhuma lei a aucto-

risava porque estavam incompletos os contingentes do recrutamento.

É já bem discutido este facto, bem patenté e demonstrada a illegalidade do acto, bem comprovado o abuso commettido; mas repetimos o assumpto porque a contumacia do governo em permanecer no erro exige a repetição.

Os abusos succedem-se, os desperdícios augmentam, o paiz soffre e é necessario não occultar, nem esquecer estes males, que deterioram e aniquillam.

É dever tão imperioso como o da propria conservação, insistir na lucta para debellar o erro e afastar os perigos.

O povo paga o que não deve, e o ministro exige o que o paiz não pôde, nem tem obrigação de pagar.

É necessario lembrar ao povo, pa tentear ao paiz que a sua liberdade se apouca, os seus recursos se esgotam, as suas rendas se malbaratam e que a sua prosperidade descrece na razão directa do augmento d'esse deficit assustador, que uma administração ominosa deixa crescer livremente porque nos conselhos da corôa estão ministros que não conhecem outra lei que não seja o seu arbitrio, nem outras necessidades que não sejam os seus caprichos.

As attentões que deviam prender-se constantemente nos diversos ramos d'administração publica perdeam-se na fantasia geradora de *pavorosas conspirações*, que o paiz teria abandonado ás baixezas do ridiculo, se não procedessem do criminoso plano para perseguições injustas, ou para levar o tenor e o susto ao paço dos nossos reis e crear falsas preoccupações: absorve-as o deslembramento das armas em paradas espectaculosas, o engrandecimento da armada com um couraçado inutil, o armamento do exercito com armas regeitadas, o augmento geral da força publica, talvez para a *pacificação europeia*, mas de certo para o definhamento do nosso thesouro, que se vê exaurido e sem recursos para satisfazer avultadas sommas loucamente consumidas em melhoramentos negativos, em quanto que ahi jazem em completo abandono problemas sociaes da maxima importancia e de cuja resolução depende a prosperidade publica.

É urgente que o paiz tenha sempre presentes estes erros, que os conheça, que os veja, que os avalie para os impedir, para lhes oppôr toda a resistencia legal; e á imprensa livre, no desempenho da sua grande missão, dos seus deveres de consciencia pertence o nobre encargo de não deixar illudir o povo, de o guiar e esclarecer.

Quanto mais iroso se nos apresenta o oceano das luctas sociaes, quanto mais turbada a atmosphera politica pelo abuso dos governos, ou descuido das monarchas, quanta mais luz deve irradiar o farol da civilisação, quanta mais energia, perseverança e dedicação deve ter o piloto a quem

incumbe dirigir o espirito humano n'aquellas vagas perigosas. E esse piloto, que dirige, essa luz, que illumina, é a imprensa.

A ella já pertencem as glorias de ter aberto caminho aos impulsos do progresso; mas não se redime da responsabilidade que terá se o deixar obstruir, ou abandonar o plano de novos empreendimentos para a sua conclusão.

Busquemos todos força no nosso direito, alento no nosso dever, luz na nossa consciencia e não abandonemos a lucta legal em que toda a justiça é do povo, que não corteja o poder, por mais elevado que seja, quando se amortalha no abuso e na immoralidade.

Da *Tribuna*, excellente jornal que se publica em Lisboa, transcrevemos com a devida venia o artigo que se segue:

A febre da emigração e a febre amarella no Brazil

A questão da emigração de portuguezes para o Brazil, tem sido um labirinto em que muitas innocencias se perderam, sem que, infelizmente para Portugal, se tenha adiantado muito na descoberta do verdadeiro antidoto, que deve pôr termo ao mal, que parece querer definhir a patria. Contudo suppõe-se que a ultima palavra já foi dita, e que desaparecerá por consequencia o nó gordão que prendia o fio d'esta questão transcendentissima. E á final as coisas estão no mesmo pé em que estavam.

Sem querermos por fórnica alguma acensar de inhabeis os grandes talentos, que tem sido chamados, já por interesse geral, já por interesse proprio, a este campo vastissimo, não podemos ainda assim deixar de sentir, que assumpto tão melindroso tenha sido apenas tratado no campo de theoria, onde a habil dialectica de sapientes escriptores caduca á vista dos mais pequenos argumentos produzidos pela prática. Esta verdade é incontestavel, sejam muito embora premiados aquelles e esquecidos estes combatentes.

Mas a nossa questão, escrevendo sobre assumpto tão momentoso, não se cifra em demonstrar que os estudos baseados na theoria, em que vemos geralmente aconselhar aos governos o respeito pela liberdade do cidadão, mas á s mbra da qual se commettam muitos abusos, são perniciosos ao paiz. Não, que o nosso fim é outro. É sem tentar romper o envoltorio do nosso espirito assás humilde, e sem desejar ferir susceptibilidades alheias, seguir caminho menos trilhado e menos escabroso com o fim de achar a causa do mal e apontar a aos verdadeiros medicos da nação, para que lhe applicuem um remedio energico e salutar.

Estudemos, pois, a questão debaixo do ponto de vista da prática.

— Quaes são as razões que indzerm o portuguez a emigrar para o Brazil?

— Será a necessidade de obter os meios de subsistencia?

— E caso assim seja, não haverá em Portugal trabalho sufficiente para que o portuguez necessitado obtenha esses meios?

— Ou será a ambição que o leva a dar semelhante passo?

Respondendo ao primeiro quesito com a affirmativa do ultimo, parece-nos que responderemos ao 2.º e ao 3.º, porque a quem tem precisão de trabalhar, não faltam n'este abençoado paiz os meios necessarios á subsistencia; e esse trabalho é aqui mais bem remunerado do que no Brazil. Passemos a demonstrar a nossa asserção.

Na actualidade o portuguez trabalhador ganha nunca menos de 500 reis diarios. Em qualquer parte do paiz se sustenta com 250 reis. Resta-lhe, por tanto, 250 reis. Calculemos os lucros obtidos em 10 annos, a 300 dias uteis por cada um, e teremos em 3:000 dias o resultado de 750\$000 reis.

O portuguez em eguaes condições, ganha no Brazil 2\$000 reis fracos. Para sustentar-se precisa despende a importancia de 1\$500 reis. Resta-lhe a quarta parte do salario, isto é, 500 reis diarios. Contrahira, antes de sahir do paiz, para poder expatriar-se, uma divida de reis 200\$000. Chegando a terras brasileiras, não pôde logo encontrar trabalho; além de isso o clima inutilisara-o por algum tempo, se n'este comenos não vem a *febre amarella*, que sympathisa muito com os estrangeiros. . . Para estas demoras precisou contrahir mais um emprestimo de 100\$000 reis. Esta divida, de 300\$000 reis fracos, ha de amortisal a em 2 annos, que representam justamente 600 dias uteis de trabalho, que a 500 reis, se soubermos economisar, e aquelle lucro, produziram os 300\$000 reis em questão. Restam-lhe por consequencia 8 annos, ou 2:400 dias uteis, que a 500 reis importam em reis 1:200\$000 ou 600\$000 reis, moeda portugueza.

Differença contra o trabalhador do Brazil: — 150\$000 reis!

Fallemos agora do artista, sem tratar-mos das despezas, que, para esta qualidade de operarios, é sempre muito superior, e o mesmo acontece entre nós.

O artista, em geral, ganha no Brazil de 3\$000 a 5\$000 reis fracos. Em Portugal são muito variados os salarios; mas podem-se estabelecer a 800, 1\$000, 1\$200 e 1\$500 reis.

Quem quizer que se dê agora ao incommodo de orçar as despezas da sustentação, e diga-nos depois se ha compensação.

Devemos acrescentar, antes de profundarmos a questão, que em Portugal a mortalidade está pouco mais ou menos, de 25 individuos por 100, em quanto no Brazil, com respeito aos emigrados portuguezes, é actualmente impossivel dizer se está de 90 ou 99 por cento, se tomarmos na devida consideração a estatística do ultimo semestre, que, só na cidade do Rio de Janeiro, nos diz que o numero de obitos subiu a 1.300, sendo d'estes, pouco mais ou menos, mil fulminados pelo terrivel flagello da *febre amarella*! Ha quem diga, que foi maior o numero de portuguezes fallecidos na corte do imperio do que o de emigrados sahidos do nosso paiz no periodo mencionado! . . .

O portuguez sabe tudo isto. Não ignora que o salario no Brazil, jámais o compensará das privações que lá ha-de ir sof-

frer. Mas elle não pensa em tal. O portuguez que emigra, só pensa que ao fim de alguns annos ha-de vir rico do Brazil. muito embora a experiencia lhe tenha dito, que, de cada mil, vem de lá um remedio.

verdade, seja que vergando ao pezo das molestias proprias de tão insalubre paiz!

Este mal é já muito velho, e não vemos que os remedios vulgares o passam combater, porque, para nós, é ponto de fé que a ambição tem um curativo.

Eis porque descremos dos estudos feitos e dos que hajam de fazer-se a respeito da emigração.

A ambição, inherente a todos os homens, o nosso genio naturalmente aventureiro, amante do desconhecido que ainda assim não faz em nós esquecer o santo amor ao trabalho, nos cega a tal ponto, — e esta triste verdade vem já de seculos, — que não nos deixa ver os desastres dos nossos antepassados, que egual motivo acarretára para longe da patria e da familia, onde, n'um momento, a terra preferida se transformava em abysmo para os tragar. E deixavam os que lhes sobreviviam, em tão remotas épocas, de cair no mesmo erro? Não, porque lá estavam os mesmos interessados (sempre houve enganadores) a apontar aos ambiciosos as minas inexgotaveis do Brazil!

Pois qual seria o portuguez capaz de ficar indeciso, á vista da descripção dos brilhantes da mais fina agua, do oiro em pó, dos aljofares, dos coraes, das perolas, das esmeraldas e das amanthistas, que os apologistas diziam andar aos pontapés n'este paiz de fadas? Quem seria capaz de resistir ao aroma das suas poeticas flores, das frondosas arvores, por entre as quaes se enterlaçam os mais exquisitos cipós? Quem não licaria entusiasmado com as nuvens de milhares de passarinhos, com suas pennas de mil côres, que adejam por cima d'esse bosque immenso de milhares de leguas? Quem não escutaria de bom grado as descripções phantasticas, não menos poeticas, d'esses rios gigantes e dos igarapés, das immensas cordilheiras e dos valles, das grutas mysteriosas e das cidades encantadas d'este paiz das *Mil e uma noites*? Que importava aos nossos antepassados o reverso da medalha? Que a poesia das flôres, das mattas virgens, das esmeraldas e dos rubis, se transformasse na poesia dos tumulos, que, algumas vezes era o oceano e outras os estomagos dos antropophagos?

Dizem antigos escriptores, que os indios brasileiros eram mais difficeis de domar que os dos outros pontos da America meridional, sujeitos aos castelhanos; e que, primeirque fundassemos alli povoações, perdemos muitas vidas e muito sangue. As viagens eram muito difficeis. Muitos galeões se perdiam antes de chegarem ao termo da viagem. Mas que importavam as difficuldades e quem sonhava com o Eldorado?

Ora, a nossa questão é que as phantasias de hoje são as phantasias de outr'ora, e que para desfazel-as no espirito dos nossos illudidos compatriotas, não bastam os estudos theoreticos de qualquer commissão de emigração. Faça-se mais. Mande o governo augmentar os salarios aos operarios empregados nas obras publicas. Sigam-lhe o exemplo os particulares. Se fór preciso, dêem-se terrenos aos ambiciosos. Instituem-se empresas para auxiliar o desbravamento das nossas terras incultas. Façam-se promessas vantajosas aos emigrados, nas nossas possessões ultramarinas, que em riqueza e especialmente em salubridade são superiores á America. Mande-se dizer isto tudo pelos parochos nas egrejas e pelos

professores nas escolas; accrescentando-se que no Brazil morrem da *febre amarella* todos os portuguezes que alli chegam, e nós lhe affiançamos que nada se terá conseguido!

Aqui ha tempo, quando a imprensa portugueza se levantava indignada contra os morticínios do Pará, navios continuavam a ir cheios de emigrados para aquellas paragens! Esses mesmos navios conduziam para a Europa ou para a Africa os repatriados, que não podiam supportar os disturbios dos paraenses!

Os portuguezes que em 1835 e 1848 poderam, a muito custo, escapar ao punhal dos cabanos, regressavam, pouco tempo depois, ás provincias do Pará e Pernambuco!

Esta é que é a triste verdade. Perante ella deponham todos os combatentes as suas armas.

Agora aconselhamos um alvitro ao terminarmos este artigo. Diz o adagio: *para os grandes males os grandes remedios*.

Fez-se um lazareto, onde é costume ficarem de quarentena todos os passageiros procedentes do Brazil. Esta medida governativa tende a um fim: — evitar que a *febre amarella* se propague aos habitantes de Portugal.

Pois decrete-se egual medida contra os portuguezes que intentarem emigrar para aquelle imperio, e que esta medida deixe de vigorar quando tenha desaparecido do Brazil tão terrivel epidemia. Assim evitar-se-ha a emigração; porque para nós é ponto de fé que no imperio americano já mais deixará de existir a *febre amarella*.

E cumpre que este remedio seja applicado com a maior brevidade *Cum celeritate temporis utendum, velocitate certandum est*.

E dizemos isto a serio, sem medo que nos alcunhem de anti-liberaes; porque então diriamos, que é anti-liberal a camara municipal de Lisboa, que para evitar os suicidios, mandára collocar uma grade na muralha de S. Pedro d'Alcantara.

O paiz que suicidar-se; e o governo, a exemplo do que praticara a camara, manda circundar de uma grade todo o paiz. Ou então acabe-se com a lei anti-liberal que creou o lazareto, e deixe-se aos passageiros vindos do Brazil o cuidado de introduzirem em Portugal a *febre amarella*. Assim evitar-se-ha ao menos o incommodo dos portuguezes terem que atravessar o oceano para irem em procura de tão terrivel flagello.

GOMES PERCHEIRO.

CORRESPONDENCIAS

Lisboa 1 de setembro.

(Do nosso corresp.)

A portaria do ministerio da fazenda, publicada no *Diario* de 30 do ultimo, determina que a primeira prestação para o pagamento dos foros, censos e pensões na posse da fazenda nacional que estivessem vencidos ao tempo da promulgação do Código Civil, considerar se-ha vencida no dia 23 de maio de 1876, e as outras successivamente em igual dia dos annos seguintes.

Em 30 de março do anno corrente já se havia expedido uma portaria sobre este assumpto, mas não determinava quando era que a fazenda tinha direito á primeira prestação. Mandava que os escriptores de fazenda dos concelhos ou bairros annunciassem por meio de editaes, que receberiam as declarações dos devedores dentro do praso de 30 dias, para depois se proceder ás liquidações.

A portaria ultima servirá de complemento e execução da lei de 18 de março ultimo, sobre os foros em divida, a qual se deve tornar bem publica em todos os districtos para que os devedores se possam aproveitar dos beneficios que a referida lei lhes concede e cumprirem as obrigações que a portaria lhes marca.

Foram nomeados, por proposta do snr. director da alfandega de Lisboa, dous verificadores, para visitar e examinar os productos em uma fabrica de tecidos nas proximidades de Lisboa, em consequencia da desconfiança de que n'ella se introduzem fazendas estrangeiras, por contrabando, e saem como nacionaes para o consumo.

Acho bom o expediente, mas devia ser adoptado de surpresa em mais do que uma fabrica que não teem a habilidade de produzir o que nos dão como obra sua.

Terminou o praso para a admissão de requerimentos dos empregados do ministerio da fazenda que estivessem no caso de concorrerem ao provimento d'um logar de primeiro official e para outro de segundo, vagos na direcção geral das alfandegas.

O concurso, como já anteriormente disse, é por provas escriptas, em dia que ainda não está fixado.

Para o logar de primeiro official concorrem apenas dous empregados, os snrs. Ricardo de Mello Gouveia, primeiro secretario da camara dos snrs. deputados, e Miguel Pacheco.

D'entre trinta e um segundos officiaes, que tantos são os que compõem os diferentes quadros das direcções geraes do ministerio da fazenda, só se apresentaram aquelles, como unicos, no caso de poderem satisfazer a qualquer pergunta sobre assumpto das alfandegas.

Com respeito ao logar de segundo official, requereram tão sómente sete d'entre noventa e tres amanuenses.

Isto prova que os demais empregados, como digo, não estão no caso de poderem resolver as questões que lhes forem propostas, ou não querem acompanhar a fardada de um concurso aberto com a declaração previa de que os logares são dados aos snrs. Ricardo de Mello e Antonio Leite.

É immoralissimo este modo de proceder, no entretanto estou certo que uma parte do jury não se prestará a este logro de empregado de merecimento, que por este motivo não compareceu a exhibir a sua capacidade, de que tem dado repetidas provas, no tirocinio da sua carreira publica, como o havia dado já nos seus estudos.

Prometto acompanhar este negocio, que é apontado como escandalo.

Diz-se que os pontos já estão na mão de um dos que vão ser providos.

Sem compadrice nada se faz com este bello governo!

Foi prevenido o snr. ministro do reino de que entre nós se acha um homem muito importante do partido carlista que tem feito algumas reuniões politicas a que concorrem não só os seus correligionarios compatriotas, como tamem os membros do partido miguelista.

O governo não se preoccupa com estes assumptos, que julga de pouca monta. A imprensa liberal annuncia o facto e pede providencias contra o individuo que abusa das liberdades de um paiz visinho para alimentar os aburdos e velleidades de um partido que nunca mais poderá dirigir esta terra, sejam quaes forem os meios violentos ou suavios que tentem para o conseguir.

— Chegou hontem a Lisboa, vindo do Porto, o sr. Diogo de Macado, secretario do governo de Macau, em companhia de sua esposa. D'aqui a poucos dias parte para aquella provincia.

— O drama — *Os Padres*, traducção do sr. Carlos Borges, moço de ta-lento e muita illustração, acaba de apparecer na scena do theatro do Principe Real, e tem sido recebido com muito enthusiasmo, não só pelo espirito da sua composição, como pelo bem combinado de seus lances.

E' uma peça que falla ao animo do povo sinceramente liberal e moderado. Está excellentemente vertido para a nos-sa lingua, sem que tivesse perdido a belleza que o auctor havia n'ella impressa.

E' do genero dos *Lazaristas* que ainda hontem reapareceu no theatro de D. Maria representado por uma sociedade de curiosos, que promoveram um beneficio em favor dos desvalidos do Algarve.

Este drama, original do sr. Ennes, enthusiasmo a platea que pedia com frenesi o hymno da Carta.

O mestre da musica de infantaria 5. que desejou satisfazer ao pedido, dirigiu-se ao sr. barão de Zozore que não adheriu á vontade da platea, e o hymno não se tocou.

Este incidente, que não teve consequencia alguma notavel, passou com o seguimento do drama.

— Com a proxima sahida de S. M. a Rainha, de Cintra, vão desaparecendo d'alli muitas familias para Cascaes.

S. M. só se demorará em Cintra até segunda feira proxima.

A. C.

Villa Nova de Famalicao 3 de setembro.

(Do nosso corresp.)

Supposto um pouco tardio, não posso deixar de felicitar os bracarenses pela victoria alcançada na pugna eleitoral do dia 15 de agosto.

Recebam, pois, os meus humildes mas sinceros parabens, pelo modo honroso com que se vingaram da imposição official e officiosa que lhes queriam fazer, e aprendam os incautos, com tão severa lição, a respeitar um povo, que tem por brazão o conservar a integridade de seus brios.

Aqui, como em toda a parte, seria geral a satisfação pela boa-nova, se não fossem certos politicos, ainda que em numero muito diminuto, que sentiram calafrios pela corrida de Lopo Vaz.

— No dia 26 de agosto pelas 6 e meia horas da manhã desprende-se do involucro terrestre, para voar á mansão celestial, a alma candida do innocente — João, filho dos exm.^{os} barão e baroneza da Trovisqueira. Victima de pertinaz molestia, a que a sciencia nunca pôde dar nome, deixou consternados não só os seus mas tambem e profundamente a Rodrigo Bandeira e familia, em casa de quem adoe-cera ha perto de dous mezes, onde residia e d'onde foi conduzido para o cemiterio publico d'esta villa. E era tanta a afeição e carinho com que allí era tratado e querido, que elle chamava-lhe a sua casa, preferindo a seus paes e familia a companhia d'aquelles com quem sempre convivera.

E Rodrigo Bandeira, querendo dar a ultima demonstração de affecto, quasi paternal, que lhe votava, acompanhou-o á sua ultima morada, contra todas as invectivas empregadas para o dissuadir d'isso, seguindo o prestito a par do feretro, com passo firme, cabeça erguida e mão compressa sobre o coração, embora pela contracção dos labios e afogueado das faces

se lhe divisasse o sentimento intimo que lhe fa n'alma, de par com a acerva dôr que o pungia, a fechar lhe o caixão. O trémulo com que o fez, as lagrimas que lhe rebentaram dos olhos, são a prova mais solemne do quanto interiormente soffria. Ro-leado de amigos, dispostos para quaesquer eventualidades que em casos de tal extremo são susceptiveis de dar-se, foi por elles acompanhado, e fechado o caixão conduzido a casa, tomando-o pelo braço.

Para acalmar tamanha dôr, superior ás suas forças, sahio Rodrigo Bandeira, acompanhado de sua exm.^a esposa, no dia 28 á tarde para o Porto, a gozar 15 dias de licença que pediu e obteve do exm.^o juiz de direito da comarca. Oxalá que volte completamente resignado.

Aos paes do finado e áquella familia os meus sentimentos, pedindo licença para lhes lembrar que, chorar os anjos que se alam á sua verdadeira patria, é uma offensa que se faz á Divindade, e que

Está no ceo, porque na terra
Não podem anjos viver;
Vivem lá eternamente,
Livres do mundano ser.

— A camara municipal d'este concelho, em sessão de 14 de agosto, sob proposta do seu presidente, o barão da Trovisqueira, resolveu sobre a escolha do local em que deve ser construido o novo edificio dos paços do concelho, tribunal judicial e repartições dependentes, para substituir o que actualmente existe, que além de não satisfazer commodamente ao fim que demanda, é destituido de condições hygienicas, mormente tendo, como tem nos baixos, uns compartimentos insalubres e mephiticos a que chamam — cadeia.

O local escolhido por opinião do vereador Moura, apoiado pelo voto dos dous vereadores Carvalho e Marinho, foi ao norte do campo do Leonardo, expropriada d'elle a área precisa, com as cochilhas da Nova Companhia Viação Portuense.

Os vereadores Abreu e Sá e Almeida (a meu vêr os mais conscienciosos), eram de voto que o novo edificio fosse feito no local em que se acha a casa de João Ferreira da Cruz, que faz quina para as ruas Direita e Municipal.

O presidente, nimamente calculista, não deu o seu voto em consequencia de estar o primeiro local approved por maioria. Ainda assim não pôde resistir a que ficasse consignada na acta a sua opinião, de que o edificio em questão devia ir para a frente do campo da Feira, expropriadas para isso umas casas que allí tem um dos mui dignos caracteres d'esta terra — Daniel Augusto dos Santos.

Pena foi que não apparecesse n'essa sessão o vereador Sá Reis, para se saber qual o seu voto.

Está, pois, determinado o local por tres votos contra dous.

Eis o facto. Na seguinte farei algumas considerações a que elle se presta, e que não podem ficar no tinteiro.

— Resolven mais a camara, na predicta sessão, officiar ao director do caminho de ferro do Minho sobre a abertura de um travesso que ligue esta villa com a estação d'elle, aqui, para se evitarem os graves transtornos e encommodos que, na sua falta, soffrem os habitantes e passageiros que para allí se dirigem.

Não serei eu que faça reparos a esta resolução, por contribuir ella para um dos melhoramentos de que actualmente se carece, e que devia ter-se effectuado ha mais tempo. Só farei duas perguntas muito innocuas: De quem foi a culpa o não se ter

concluido a estrada de rodagem, que do Vinhal, a par da via ferrea, se encaminha a ligar na estrada municipal n.^o 9? Quem foi, que com planos d'alto coturno tolheu a conclusão d'esse travesso?

Se não houver mortal que me respon-da, não serei eu que espere que os anjinhos o façam.

— Soube aqui da morte da exm.^a sr.^a D. Maria do Patrocinio de Sousa Rebello, cunhada do mui digno proprietario do *Jornal do Minho*.

Receba s. s.^a os meus sentidos pezames por tal acontecimento.

— Até á seguinte.

CARTAS MONSANESES

Meus redactores: Pouco ha que dizer d'esta vez; no entanto direi a *vol d'oiseau* esse pouco que ha. Para outra occasião serei mais extenso.

— Segundo o costume de todoos annos, tem aqui passado bastante gente de Caminha, Seixas e Villa Nova de Cerveira, que se dirige em peregrinação á Senhora da Peneda, que, segundo o que me dizem, tenta competir, ainda que de longe, com o Senhor do Monte. Tambem hontem aqui passaram alguns gallegos com o mesmo intento, mas em pequeno numero, desanimados, quasi maltrapilhos, delinhados e muito tristes!

As miserias, porque está passando a desditosa Hespanha, apertam de dôr o coração d'aquella pobre gente, que outrora era a mais alegre, inquieta e ruidosa parte dos peregrinos da mui frequentada romagem da Senhora da Peneda.

— A's 11 horas da noite do dia 31 do mez passado, segundo me comunica o *fayulha* do meu informador, uniram-se, para nunca mais se desatarem, pelas sacratissimas algemas do santo sacramento do matrimonio, o sr. Flaviano José Barbosa e Rego, alferes do regimento 8 d'essa cidade, com a exm.^a sr.^a D. Josepha d'Abreu e Mello, filha do sr. Felisardo Anacleto Antunes, respeitavel negociante d'esta villa.

— A's 7 horas da manhã do dia 30 do mez passado chegou a esta villa um destacamento de cavalleria 7. de Bragança, que veio render o que aqui estava de cavalleria 6. de Chaves, o qual, com grande desgosto das creadas de servir, se retirou ás 11 horas de 31 do mez passado.

— Houve no dia 29 de agosto a festividade do Coração de Maria, da qual foi orador o rev.^{mo} Barreiros, muito distincto orador sacro.

— Esteve aqui o sr. dr. Jardim, lente da Universidade. Anda viajando pelo Minho.

— Tem estado n'esta villa o redactor do *Noticioso*, de Valença, o sr. José Maria Verissimo de Moraes Cabral. Estimamos.

Monsão 3 de setembro de 1875.

R. M.

NOTICIARIO

Chronica religiosa. — Celebram-se amanhã as seguintes festividadeas:

Nossa Senhora da Misericordia e da Lapa nas capellas na sua invocação; — Nossa Senhora da Ajuda, na capella de S. Sebastião das Carvalheiras; — Nossa Senhora do Pilar, em Santa Cruz; — Nossa Senhora do Socorro, em S. Lazaro.

Feira annual e romaria. — Tem amanhã lugar na freguezia de Ferreiros, su burbios d'esta cidade, a feira annual de gado cavallar e mular, denominada da Misericordia; havendo tambem allí, na tarde d'este dia, um bonito arraial.

Poucos são os annos em que n'aquella local não ha desordens de mais ou menos gra-

vidade. Sirva isto de aviso ao sr. administrador do concelho para tomar as devidas precauções.

Continuam os odios e as vinganças. — Debaixo da epigraphe — *Acção vergonhosa* — publica a *Regeneração* no n.^o 66 do seu jornal, na secção noticiosa, uma falsidade descabellada, dizendo que os pedreiros que trabalhavam no cemiterio d'esta cidade se reuniram á porta do mesmo, e n'uma algazarra e berreiro infernal deram vivas ao sr. conde de Bertandos e morras á camara municipal, e que por essa occasião disseram que se fossem prezos o sr. conde os havia de soltar.

E' triste e de lamentar que se invertam os factos, e que se publiquem por um modo diverso d'aquelle porque realmente se passaram; mas não admira que a *Regeneração* assum o faça, pois sabemos os fins a que mira e pretende chegar.

O facto, segundo nos foi informado, passou-se do modo seguinte:

Os pedreiros ou officiaes do mestre pedreiro Mouta, a quem pertencia a obra, e alguns, mas em pequeno numero, do mestre João Formiga, que andavam por favor a ajudar aquelles, na occasião em que conduziam em acto de serviço um carro com pedra, lembrou-se um d'elles de levantar um viva ao sr. conde de Bertandos, sendo em seguida este viva correspondido por alguns dos seus companheiros, continuando no seu serviço sem que mais fossem repetidos aquelles vivas.

Foi isto simplesmente o que se passou, segundo nos assevera pessoa de todo o credito e merecimento, sem que tivesse havido reunião á porta do cemiterio, algazarra e berreiro, descompostura ao guarda-portão, e sobre tudo morras á camara municipal, e outras coisas mexeriqueiras a que allude a *Regeneração*. Esta a verdade do que se passou, e que bem pôde ser confirmada pelo illustrado vereador o sr. Araujo Correa, e pelo guarda-mór do mesmo cemiterio, que presenciaram o facto, e que, como cavalheiros que são, não podem di er o contrario do que fica narrado, e que unicamente se passara. Tudo o mais não passa de meras invenções e d'um cosinhado preparado pela *Regeneração* para armar aos seus fins, bem conhecidos, e para o que nunca lhe faltou gente.

Fallecimento. — Falleceu, ha dias, na sua quinta de S. Mamede da Infesta a exm.^a sr.^a D. Maria Benta, na idade de oitenta e tantos annos, mãe do fallecido conde de S. Mamede, e avó do actual do mesmo titulo, e da exm.^a esposa do sr. Fernando Castiço.

Ao nosso bom amigo, ao seu exm.^o cunhado e exm.^a familia enviamos os nossos sentidos pezames.

O povo de Braga e o governo regenerador. — Estamos no tempo dos cabraes. E senão vejamos:

O governo regenerador não attendeu nem fez caso das justas reclamações dos contribuintes do concelho de Braga com referencia ás *celebres* matrizes das contribuições industrial, de renda de casas e sumptuaria do anno de 1874.

Estes serviços fiscaes, como é publico e notorio, não foram organisados segundo as determinações da lei, mas foram feitos unicamente para vexarem os povos e enganarem o thesouro.

Os povos reclamaram por duas vezes ao governo, e isto em seguida ao grande *meeting*. O governo, que não faz caso de reclamações do povo, ordena que se indefiram todos os requerimentos, segundo dizem os seus amigos.

O povo de Braga vae por conseguinte pagar o que não pôde nem deve, e os ministros regeneradores instam e exigem que elle pague o que não pôde nem deve pagar. Bravo!

O governo regenerador abre, pois, uma luta em que mostra querer esmagar os contribuintes do concelho de Braga!

Vá, venha de lá isso! No tempo dos cabraes tambem se dizia que o povo era como o limão, quanto mais se espremia mais deitava!

Concerto ao ar livre. — Amanhã ás 8 horas da noite tem de effectuar-se no Passeio Publico um concerto musical, dado pela rabequista Anita Albani, R. Albani e José Russi. Não ha preços estabelecidos: cada pessoa dá o que quer.

Ao Passeio, pois, que as noites convidam.

COMMERCIO

Resumo do activo e passivo do Banco do Minho, em 31 de agosto de 1875.

ACTIVO	
Caixa: existencia em metal	114:378\$836
" " " notas	18:702\$500
Papeis de credito.....	87:087\$114
Ações de conta propria...	64:800\$000
Hypotheças de raiz.....	90:433\$386
Letras em liquidação.....	8:370\$703
Remessas em liquidação..	21:791\$704
Emprestimos sobre penhores	49:018\$670
Letras descontadas.....	850:540\$755
Letras a receber.....	27:583\$146
Saques e remessas de n/c:	163:768\$827
Saques e remessas das agn- cias.....	122:400\$712
Agencias no paiz.....	221:364\$352
" no estrangeiro...	103:556\$939
Contas correntes garantidas	805:193\$060
Edificio do Banco.....	14:940\$995
	2.735:932\$839

PASSIVO	
Capital.....	600:000\$000
Fundo de reserva.....	30:000\$000
Reserva para prejuizos even- tuaes.....	50:000\$000
Dita para garantia de divi- dendos.....	30:000\$000
Notas em circulação.....	93:415\$000
Depositos á ordem.....	182:782\$081
Dividendos a pagar.....	1:875\$616
Depositos a prazo.....	1.448:540\$809
Creedores no paiz.....	148:895\$411
Agencias no estrangeiro...	50:421\$575
Saques e remessas das agen- cias.....	78:455\$608
Letras a pagar.....	1:450\$000
Ganhos e perdas.....	20:096\$739
	2.735:932\$839

Banco do Minho em Braga, 3 de setembro de 1875.

Os gerentes,
Manoel Simões Braga,
Domingos José Soares.

AGRADECIMENTOS

José Antonio da Cruz Machado, e sua mulher Maria Thereza de Oliveira Macedo; Antonio Joaquim da Cruz Machado, Luiza Maria da Cruz Machado, Anna de Jesus da Cruz Machado e Anna Maria Machado Ramos, agradecem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, a todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs. e senhoras, e muito rev.^{os} ecclesiasticos que os honraram com os seus cumprimentos por occasião do passamento de seu innocente filho e sobrinho Sebastião, e assistiram ao responso de gloria que por alma do mesmo teve lugar na capella do cemiterio publico na tarde de 29 do corrente; protestando-lhes d'esta fórma o seu eterno reconhecimento e indelevel gratidão. (169)

D. Anna Maria Machado Ramos, Narciso Ramos Barros Pereira, Maria Thereza de Oliveira Macedo, Luiza Maria da Cruz Machado, Anna de Jesus da Cruz Machado, José Antonio da Cruz Machado e Antonio Joaquim da Cruz Machado, extremamente penhorados para com todos os ill.^{mos} e ex.^{mos} snrs. e senhoras que os cumprimentaram por occasião da sentidissima morte de seu prezado marido, irmão e cu-

nhado Sebastião Ramos Barros Pereira, e assistiram aos officios funebres que para suffragar a alma do mesmo tiveram lugar na igreja de S. Vicente no dia 17 d'agosto ultimo, veem por este meio, na impossibilidade de o fazerem pessoalmente, agradecer-lhes tão relevantes obzequios, e protestar-lhes o seu profundo reconhecimento e gratidão. (172)

D. Narcisa Augusta Pimenta Guimarães, Antonio José Pimenta Gonçalves e Pimenta Junior, agradecem a todas as senhoras e cavalheiros que os obzequiaram com seus cumprimentos de pezames pelo fallecimento de seu prezado marido, genro e cunhado José Cazemiro Gomes Guimarães, e aos rev.^{os} snrs. ecclesiasticos que gratuitamente officiarão no seu enterro. A todos se confessam gratos e reconhecidos. (173)

ANNUNCIOS

COSTUREIRA E ENGOMMADEIRA

Na rua da Conega n.º 147 ha uma senhora que se promptifica a ir costurar e engommar a casas particulares, mediante um preço muito razoavel. (170)

Em casa de Ribeiro Braga no Largo do Barão se vende:

Prompto allivio, frasco..... 460
Pilulas reguladoras, caixa..... 460
Revolutivo renovador, frasco.... 1\$350

Tambem se vendem os folhetos que contém o modo de empregar os ditos medicamentos. (157)

BOAS ALVIÇARAS

Perden-se no dia 31 de agosto findo uma cadella de perdiz, branca com grandes malhas cor de castanha e com sobreolhos de pello amarellado: dá pelo nome de — Hebe.

Quem a achasse ou souber onde ella está e concorra para ella ser restituída a seu dono, Peixoto de Verim, no largo dos Penedos n.º 8, em Braga, receberá boas alviçaras. (174)

A QUEM CONVIER

Precisa se d'um empregado que esteja sufficientemente habilitado para trabalhar em contas correntes com juros reciprocos ou sem elles, e que tenha bastante expediente.

Para informações dirijam-se ao Banco do Minho.
Braga, 4 de setembro de 1875.

Manoel Luiz Ferreira Braga,
Domingos José Soares. (175)

BANHOS DO MAR

EM ESPOZENDE

A empresa para tal fim organizada faz publico que desde o 1.º de setembro em diante continuará com os seus serviços pelos preços seguintes:

Carro e banho por pessoa... 60 réis
Menores de 10 annos..... 30 " "
Banho quente..... 120 "

Encarrega-se do alugamento de casas, e do transporte de banhistas e bagagens de qualquer ponto para esta villa, por preços modicos. Dá quaesquer esclarecimentos que lhe sejam pedidos. A correspondencia deve ser dirigida ao director.

Espozende 30 de agosto de 1875.

O director,
João José Lopes. (171)

MASCARADAS

Recebem-se propostas até ao fim do corrente mez para oito bailes de Mascaras no theatro de S. Geraldo.

Os dias serão á escolha dos pertendentes. As ditas propostas recebem-se no Porto, rua do Bomjardim n. 69, e em Braga na fundição do Minho, travessa de S. João. (149)

MOURA

BRAGA

5, RUA DE S. MARCOS, 5

Vende cimento romano para vedar agua, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (108)

MOURA

BRAGA

5, RUA DE S. MARCOS, 5

Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade e preços muito resumidos.

MOURA

BRAGA

5, RUA DE S. MARCOS, 5

Vende papel pintado para guarnecer salas, lindissimos gótos, a principiar em 90 réis a peça.

MADEIRA

Vende-se uma porção de madeira de nogueira, freixo, negru-

lho e platano. Quem pretender comprar, dirigir-se a casa de Mr. Chardron, em Braga. (127)

CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA

(segundo o programma dos exames de instrução primaria)

Por J. Lima

Preço 120 rs. A' venda nas principais livrarias do reino, e, em Braga, na livraria Chardron. (158)

PIANO

Vende-se um piano inglez em muito bom uso. — Quem o pretender falle na rua do Campo n.º 17 — Braga. (87)

ROMANCES

A REAL A PAGINA

PARA OS SNRS. ASSIGNANTES POR ANNO

Publicados, *As duas Flores de Sangue*, por Pinheiro Chagas, um vol..... 500 rs.
As doze espadas do Diabo, por Guilherme Celestino, 2 vol. 800 "
No prelo, *Claudio*, por Julio Cezar Machado. *Nas Cinzas*, por L. C. M. *Uma noite em Florença*, de Alexandre Dumas, trad. de Guilherme Celestino.

Distribuiram-se as cautellas para o sorteio do primeiro brinde.

O segundo brinde será sorteado no fim do primeiro anno de publicação, fevereiro de 1876. Um piano vertical de Aucher Freres, marca n.º 1.

Quem assignar agora recebe já o que estiver publicado.

Preço da assignatura por semestre..... 1\$100 rs.
Por anno..... 2\$000 "

7 ou 8 volumes por anno

Escriptorio da Empresa Editora Carvalho e Companhia, rua Larga de S. Roque n.º 100 — 1.º (168)

ESBOÇOS E RECORDAÇÕES

POR BRITO ARANHA

Contém os seguintes capitulos:
A independencia de Portugal e a instrução publica.

O dia 24 de julho de 1833.
Rebello da Silva.
A villa e o castello de Louzã.
No Gallegã.
Paulo Veronez e a inquisição.
No Cartaxo.
O almirante Celestino Soares.
O sr. Silvestre Ribeiro e a sua Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal.
Santos e Silva.
Gravura de madeira.
Tres quintas.
Braz Martins.
O Instituto de França.
Manoel Joaquim Afonso.
Fradesso da Silveira.
O gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro.
Carvalho historico.
O patrão Joaquim Lopes.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Vianna, Braga, Coimbra, etc.
Um volume de 232 paginas, 500 rs.

TYPOGRAPHIA LEALDADE
Rua Nova n.º 24.